



Sociedade das Ciências Antigas

PIERRE V. PIOBB

A morte de Pierre V. Piobb ocorrida há seis anos tem comovido, de forma dolorosa, o mundo dos ocultistas e o mundo dos Jornalistas, particularmente dos jornalistas parlamentares. Ele era uma pessoa que se fazia notar, tanto nas reuniões onde se ocupava do hermetismo quanto no Senado, na Câmara, ou no *Quais d'Orsay*, e nos serviços da Embaixada da França no Marrocos. Todos que conheciam os múltiplos trabalhos que realizou, admiravam a sua infatigável atividade e a sua extraordinária potência de trabalho, coisa que o leitor também perceberá nesta biografia, com a nomenclatura sumária dos seus escritos. O livro que apresentamos hoje é o curso que professava ainda em 1939. O atraso na sua publicação se deve aos acontecimentos que lhe ocorreram e que, infelizmente, só aconteceu depois de sua morte.

Pierre Piobb, desde 1917, P. - V. Piobb - era a assinatura usual do Conde Pierre Vincenti-Piobb, nascido em Paris, a 12 de abril de 1874, e falecido também em Paris, em 12 de maio de 1942.

Descendia de uma antiga família florentina fixada na Córsega desde finais do século XIV em meio às sangrentas e terríveis querelas entre os Guelfes e os Gibelins¹. Estabilizados em Piobbeta, cantão do Valle d'Alesani, distrito de Corte, os Vincenti acrescentaram ao seu nome o da sua vila e deram origem aos Vincenti da Piobbeta ou *dei Piobbi*, ou, por abreviatura, Vincenti-Piobb. O seu título de Conde, conquistado quando das guerras civis corsas, segundo o historiador Giovanni Delia Grossa, era toscano e está compreendido na liquidação romana da sucessão da Grande Condessa Mathilde, duquesa da Baviera. Encontram-se na Baviera outros Condes Vincenti que, embora levando brasões diferentes, são originários do mesmo ramo.

Mas não nos voltemos a um passado tão distante, falemos apenas de seus pais. Seu pai, o Conde Vincent Vincenti, fez seus estudos médicos na Itália e depois em Paris. Morou em Roma em 1848, e não tardou em adquirir uma grande reputação como cirurgião, que o colocou em íntimas relações com diversos soberanos, principalmente com o Imperador da Áustria, François-Joseph, e o velho rei das duas Sicílias, François II. Foi major dos Zouaves pontificais² em 1870, quando da tomada de Roma pelas tropas italianas. Deixando então a Cidade Eterna, o Dr. Vincenti residiu na França onde se pôs à disposição da autoridade militar. Enviado ao exército do Loire, na qualidade de médico major, foi a Loigny e Châteaudun (em outubro de 1870) e, em seguida, ao Mans (em janeiro de 1871). Após a guerra, voltou a Paris onde se casou, em 1873, com Amélie Allard, filha de um presidente da câmara no Tribunal do Sena. Ela mesma descendente de uma antiga família parisiense que deu ao Parlamento diversos conselheiros desde Charles IX, e era sobrinha do famoso banqueiro Jacques Laffûte, ministro de Louis-Philippe. Ela faleceu ao dar à luz seu filho.

O jovem Vincenti fez seus primeiros estudos no Colégio Stanislas, depois na Sorbonne e então na faculdade de Direito. Ele mal tinha dezoito anos quando perdeu bruscamente seu pai: fica, portanto só, sem nenhum apoio moral ou material, fazendo sucessivamente a licenciatura em letras, ciências e direito. Em seguida, considerando que ainda tinha muito que aprender, conformou-se ao velho adágio: "As viagens formam a juventude" e partiu para percorrer a Europa. Foi assim que visitou, sucessivamente, a Córsega, Itália, Inglaterra, Escócia, Islândia e vai até o Oceano glacial. Assim, completou a sua educação já sólida. Começou extremamente jovem no jornalismo, em 1893, e quando de sua estada em Ajaccio, fundou o jornal "Eco da Córsega", que durou dois anos. Dessa época data

¹ Duas dinastias que disputavam o trono do Sacro Império Romano – nota do tradutor

² Regimento de voluntários (tipo "zouave" – com roupas típicas do norte da África), criado para defender o estado pontifical – nota do tradutor

o seu primeiro pseudônimo. Como os seus camaradas chamavam-no mais habitualmente “o Piobbeta”, manteve do nome da aldeia de origem apenas a primeira sílaba e assinou os seus artigos: Pierre Piobb. “O mais engraçado”, dizia quando se lembrava, “é que piobb, em língua gaélica, significa pipa, ou tubo”.

Sem dúvida, é importante falar sucintamente da colaboração de Piobb à grande imprensa. De 1895 a 1899, escreve artigos no “Monde Illustré” e no “La Paix”. Em 1900 entra no “Lectures Modernes”, onde permanece como redator principal até 1905. No mesmo ano, publica no “Tour du Monde”, entre outras coisas, a relação detalhada de sua viagem à Islândia, com abundante ilustração. Torna-se cronista científico no “Nos Loisirs” (1906-1908), e na “Revue des Revues” (1908-1914) e no “La Liberté” (1909-1912). Enfim, redige a crônica industrial do “l’Information” de 1910 a 1914. A partir de 1918, pára de escrever artigos científicos e, em contrapartida, de 1929 a 1933, assegura a rubrica política do “Echo d’Alger”. É neste período, que se estende da guerra até sua morte, que adota o seu novo pseudônimo: P.- V, Piobb, onde aparece a inicial do seu nome patronímico.

Mas a verdadeira obra de Piobb, consiste nas que publicou sobre o ocultismo e é necessário nos estendermos um pouco mais sobre este assunto. A esse respeito, é importante assinalar que se procuraria em vão a sua assinatura nas revistas de astrologia ou de ocultismo, salvo em 1935, na “Votre Bonheur” em que houve uma série de memórias que divertiram e intrigaram bastante o grande público. Além desses artigos, fez parte apenas dos livros sobre assuntos esotéricos.

Entre os mestres com quem teve aula na Sorbonne de 1892 até 1898, há alguns dos quais conservou, por toda sua vida, uma lembrança infável. Eram, pelas Letras, Emile Faguet, Ernest Lavisse e Emile Gébhart; pelas Ciências, o biólogo Yves Delage e o astrônomo Deslandes. Sob seu conselho, ainda que isso possa parecer paradoxal Piobb, em 1897 - e esta data é indicada no prefácio do seu volume intitulado “Vénus” lançado em 1908, - dirige seus pensamentos para as ciências da antiguidade que, há mais de cinquenta anos, eram ignoradas e até mesmo desprezadas - a palavra não é demasiado forte - pelos sábios oficiais. As obras de Berthelot sobre alquimia e de Bouché-Leclerq sobre astrologia grega foram feitas mais para desconsiderar estas ciências do que para incitar o investigador a estudá-las. Ao contrário, Piobb quis aproveitar seu conhecimento das línguas mortas e da sua grande compreensão científica, para elucidar os textos propositadamente obscuros que os hermetistas legaram. Tinha observado que os escritores, insuficientemente instruídos em ciências, cometiam graves erros e que os homens de ciências, mal informados do valor das palavras, tomavam freqüentemente como contra-sensos as concepções expostas. A idéia principal que está na base dos trabalhos empreendidos por Pierre Piobb, é a seguinte: é impossível que os antigos, cujas civilizações mostravam-se extraordinariamente brilhantes raciocinassem, em matéria científica, de maneira ilógica e ridícula como pretendiam os autores modernos. Portanto é conveniente rever tudo que os modernos disseram sobre os antigos e de retificar todos os erros cometidos na interpretação dos velhos autores. Para conseguir este resultado, era necessário mais “um intelectual” que “um cientista”, dualidade que existia no mais elevado grau em Piobb. Era duplamente qualificado: “homem de letras e homem de ciências”. Porém esta maneira de ver devia levá-lo muito à frente e afastou-o cada vez mais das opiniões correntes. Chegou mesmo, freqüentemente, a estar em contradição com os ocultistas.

Estas surpreendentes disposições para as ciências e a filosofia que mostrou em sua juventude e que os seus ilustres professores souberam cultivar e desenvolver, Piobb as explicava como hereditárias: primeiro por herança paterna, depois por herança mais remota. Ele gostava de lembrar que um dos seus ancestrais, Antoine Joseph Vincenti, prior do convento de Alensani em 1720, no mesmo lugar onde dezesseis anos mais tarde, Theodore de Neuhof se proclamaria rei da Córsega, escreveu um tratado de filosofia e notas de psicologia.

Em 1903, Piobb tinha consigo, e por conta pessoal, tudo o que a Biblioteca Nacional, a biblioteca do Arsenal e mesmo o British Museum possuíam, em matéria de manuscritos e de impressos de todo tipo sobre as ciências esotéricas.

Tendo, assim, em mãos uma documentação de primeira ordem e uma memória sem igual, Piobb publicou, em 1907, sua primeira obra sobre esses assuntos pouco conhecidos. Era o “Formulário de Alta Magia”, livro muito preciso com todas as práticas utilizadas na Antiguidade e na Idade Média que teve, em 1937, uma nova edição, reexaminada e consideravelmente aumentada. Em 1908, lançou um estudo mitológico, intitulado “Vénus”, que foi traduzido no exterior e que teve uma grande repercussão durante um congresso em Oxford. Salomon KeLiach foi induzido, em seu discurso, a fazer importantes reservas sobre a forma como, até então, se tinha entendido e explicado as concepções greco-romanas. No ano seguinte, Piobb firma posição na “Revue des Revues” com um sensacional artigo sobre a Fabricação de Ouro, que todas as revistas da Europa reproduziram e que fez com que se mudasse o modo corrente de se ver a alquimia.

Ainda em 1907 e 1908 foram lançados os dois volumes do “l’Année occultiste”, anotações da mais elevada importância para se consultar sobre os trabalhos realizados por numerosos investigadores durante esses dois anos, de resto particularmente ativos. Piobb acreditava, realmente, que se atingia o ponto culminante nessa ordem de idéias científicas, sem contudo chegar ao grande público, que não se interessava. As relações e análises dessas investigações foram inteiramente escritas por Piobb que foi, assim, o único editor.

Na mesma época, Piobb desenvolveu certas leis reencontradas por ele em velhos manuscritos e que tratavam das faculdades psíquicas, de acordo as determinações astrológicas. Tendo a possibilidade de descobrir uma pessoa admirável, o jornalista Henri Christian, realizou com ele diversas experiências retumbantes. Eles demonstraram, de maneira peremptória, a possibilidade da exteriorização das faculdades sensoriais. No mundo ocultista, são denominadas, inapropriadamente de “Viagens astrais”. O mundo douto foi atingido: os professores d’Arsonval e Georges Dumas se interessaram particularmente. Estas experiências são amplamente relatadas em “l’Année occultiste”, 1907.

Ainda em 1907, Piobb conheceu Charles Barlet, do qual não tardou em tornar-se amigo: Barlet tinha reunido ao redor de si um pequeno grupo de investigadores em astrologia, que constituiu o núcleo de onde, quatro anos depois, saiu a **Sociedade das Ciências Antigas (SCA)**. Piobb foi seu fundador e presidente.

Um dos objetivos com a criação dessa Sociedade era alargar, tanto quanto possível, o domínio das investigações e estendê-la a todos os ramos: tinha, portanto, necessidade de numerosos colaboradores especialistas. O outro objetivo, e foi por isso que assumiu a presidência, era fazer admitir a legitimidade de semelhantes trabalhos. Sua posição no mundo douto e as suas relações no mundo político permitiram que ele fizesse que a nova associação fosse reconhecida oficialmente. Porque, por volta de 1911 não se podia apenas falar de astrologia sem imediatamente ser tratado como louco. É, portanto, devido a ele e somente a ele, que a **Sociedade das Ciências Antigas (SCA)** pôde firmar-se entre as sociedades doutas, reconhecidas pelo Ministério da Instrução Pública da França.

A atividade da **Sociedade das Ciências Antigas (SCA)** manifestou-se por cursos professados sobre os diversos assuntos estudados por seus membros. Foi no Palácio do Trocadéro, hoje demolido, que, durante três anos, Piobb expôs aos seus numerosos ouvintes as “Concepções Astrológicas da Idade Média”. Na mesma sala, outros cursos eram ministrados, por Albert Jounet, Paul Villiaud, Oswald Wirth, André Godin, Edmond Du Roure de Paulin e eu, respectivamente sobre o Zohar, a Kabbala hebraica, simbolismo caldeu, esoterismo egípcio, hermetismo heráldico e medicina espargírica.

Conduzimos, silenciosamente, as múltiplas conferências que preenchiam as sessões comuns da **SCA**. Relacioná-las não terminaria mais. Todas as lições, todas as Comunicações revelaram ao mundo douto todo um domínio absolutamente ignorado e inexplorado. O reconhecimento oficial da **Sociedade das Ciências Antigas** designou Piobb, em 1910 e 1913, para as funções de Vice-Presidente do Congresso Internacional de Psicologia Experimental. Piobb descreveu todas as

pesquisas dessa época em seu livro: “A evolução do Ocultismo e a Ciência de Hoje”, publicado em 1911.

Infelizmente, a guerra de 1914 colocou termo nesse belo projeto, que não pôde ser retomado devido às perturbações que as circunstâncias tinham trazido àqueles que restaram: a força desses corajosos inovadores tinha-se enfraquecido consideravelmente, tanto devido à guerra, como devido à idade e à doença.

Durante dez anos, não se ouviu mais falar de Piobb como ocultista. Em contrapartida, era muito presente no jornalismo e nos meios parlamentares e políticos, como representante em Paris do Marechal Lyautey, e em seguida daqueles que o sucederam. Ele fez repetidas viagens ao Marrocos.

Em 1924, o saudoso Charles Blech, que tinha muita amizade por ele, embora estivesse bastante afastado das idéias teosóficas, ofereceu a Piobb a sala da sua Sociedade, na Avenida Rapp, para apresentar ao público as suas investigações sobre o texto das profecias de Nostradamus. Em 1927, uma série de conferências proferidas ali atraiu uma multidão. A estréia foi um sucesso sem precedentes e, apesar do excesso de audiência, ninguém se moveu durante as três horas que durou. Ninguém se cansou de escutar o orador, que falava com entusiasmo e expôs, sem nenhum cansaço aparente, um assunto que conhecia profundamente. O livro que foi publicado em seguida sobre o Segredo de Nostradamus teve enorme repercussão na França inteira.

Contudo, assim como ele mesmo declarou e explicou depois no “Destino da Europa,” publicado em 1939, não tinha penetrado o segredo desse texto que se atribui a Nostradamus e onde se crê, geralmente, encontrar profecias. Essa nova obra expõe, comenta e crítica a não menos célebre profecia de São Malaquias, sobre os papas.

De acordo com Piobb, “este último texto, que corresponde àquele cujo autor pode ser Nostradamus, constitui unicamente um fio cronológico de diretivas destinadas a fazer compreender os tempos novos que veremos brilhar depois de 1940”.

O estudo exaustivo dos dois textos permitiu a Piobb afirmar que são muito mais antigos do que se supõe. Mas não quis indicar as razões que o levaram a estabelecê-los em tempos remotos e nem deixou pistas de quem podiam ser os reais autores.

Infelizmente, a morte impediu Piobb de dizer sua última palavra: ele levou o seu segredo ao túmulo.

*F. Cadet de Gassicourt,
Conservador-assistente honorário
Biblioteca Nacional.
6 de Setembro de 1948.*

FIM